

# Cidade, categoria feminista\*

Bárbara F. P. Baleixe da Costa\*\*

**As** mulheres sempre foram vistas como um problema para as cidades modernas, argumenta a geógrafa e professora universitária canadense Leslie Kern em seu livro *Feminist City*, de 2019, que contou com tradução para o português em 2021.

Historicamente, o crescimento das cidades europeias decorrente da Revolução Industrial propiciou a convivência de diferentes classes e imigrantes nas ruas. De um lado, as normas sociais vitorianas, que colocavam limites estritos entre classes e que pretendiam proteger a pureza de algumas mulheres privilegiadas, não demoraram para serem fraturadas, devido ao crescente contato entre essas mulheres e homens e, também, entre elas e massas urbanas. Isso, inclusive, abriu a possibilidade para que as referidas se reclamassem como parte da esfera pública, e o período de transição caótico também possibilitava que uma mulher na rua fosse confundida como uma *mulher pública*. Os campos e os subúrbios seriam um refúgio para as de classe média e alta, onde poderiam estar seguras da desordem da cidade e continuar respeitáveis (Wilson, 1991; Walkowitz, 1992 *apud* Kern).

Por outro lado, as mulheres mais pobres, que trabalhavam em fábricas ou serviços domésticos, que acumulavam alguma pequena independência pelo trabalho remunerado com a redução de tempo disponível para as tarefas domésticas, foram estigmatizadas como incapazes de manterem os seus lares limpos e como as culpadas pela desmoralização da classe trabalhadora, expressa em vícios e outros comportamentos problemáticos, tanto privados como públicos, dentre eles a prostituição. Eram consideradas mulheres que precisavam de controle, reeducação e, em alguns casos, desterro, ensina Kern.

Como à época circulava a noção de que a depravação se adquiria com a aproximação de um indivíduo que a praticasse, as mulheres de moral *duvidosa* deveriam emigrar para as colônias, onde poderiam se casar com algum colono, recuperando a sua respeitabilidade (Wilson, 1991 *apud* Kern).

\* KERN, Leslie. Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. 1ª Ed. Tradução de Thereza Roque de Motta. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. 255 p.

\*\* Bárbara Faciola Pessoa Baleixe da Costa é Bacharel em Direito, Pesquisadora na Universidade Federal do Pará - UFPA, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-4811-0300>>.

E a suposta necessidade de proteger as mulheres brancas nas colônias, tidas como fronteiras da civilização, da violência dos *selvagens* foi usada como justificativa do controle e eliminação de populações indígenas de áreas em processo de urbanização. Os corpos das mulheres indígenas, tidos como capazes de reproduzir selvageria, deveriam não ser protegidos como os corpos das mulheres brancas, agora nas colônias, mas sim contidos pelos colonizadores. A desumanização das mulheres indígenas, colocadas como primitivas e lascivas, combinada com a imposição do modelo patriarcal de família e de governo, formaram a base do processo geográfico de espoliação e deslocamento forçado (Maracle, 1996; Smith, 2005 *apud* Kern).

Kern também traz exemplos da história recente, como a esterilização forçada de mulheres étnica e racialmente diferenciadas pelo Estado, justamente para demonstrar que os corpos das mulheres continuam sendo considerados causa ou sinais de problemas urbanos.

Mulheres experienciam a cidade enfrentando uma série de barreiras (físicas, sociais, econômicas e simbólicas), muitas delas invisíveis aos e ignoradas pelos homens, principais responsáveis pela gestão urbana. *Cidade dos homens*, termo da autora, ajuda a marcar que a cidade é feita por e para homens, abrigando e facilitando os papéis tradicionais do gênero masculino e colocando a experiência deles como norma.

Para evitar a visão masculina de cidade que se perpetua nas produções acadêmicas que citam majoritariamente homens (Ahmed, 2019 *apud* Kern), Kern fundamenta seu trabalho, sobretudo, em acadêmicas e escritoras feministas. E, ao invés de logo se enveredar por grandes teorias, políticas ou projetos urbanos, ela se propõe a fazer uma geografia mais íntima, que se inicia no corpo e na experiência cotidiana e não em problemas essencialistas construídos a partir de visões biologizantes de *mulheridade* (Rich, 2019 *apud* Kern).

Para Kern, começar do seu corpo e experiências é iniciar de um lugar de privilégio. Enquanto branca, cis, sem deficiência, com duas nacionalidades, falante do inglês num país dominado pela língua, sendo judia no Canadá – marcador não muito percebido por quem a cerca em sua opinião – e estudiosa de processos de gentrificação, ela mesma reconhece que a sua presença em alguns lugares pode marcá-los como de classe média e desejáveis, ao mesmo tempo que pode significar perigo ou exclusão para corpos racialmente diferenciados, trans, com deficiência.

Quanto às suas experiências, ressalta serem relacionadas a cidades do norte global e a corpos de pesquisa ocidentais, e se reconhece como incapaz de fazer justiça aos problemas urbanos relacionados ao sul global e cidades asiáticas. Localiza sua fala, sem negar que seus privilégios se inter-seccionam com medos e exclusões urbanas que também marcam sua trajetória, mas, sobretudo para apontar que a enquanto a sua perspectiva pode oferecer algumas contribuições, pode eclipsar outras não menos importantes (Haraway, 1988; Crenshaw, 1991; Collins, 2000, *hooks*, 2000 *apud* Kern). Inclusive, considerando as muitas relações de poder existentes em uma cidade, problematiza que o seu desejo de reclamar espaços urbanos para mulheres pode perpetuar práticas coloniais e discursos que podem ser prejudiciais ao processo de retomada de territórios ancestrais por povos indígenas.

No primeiro capítulo, Kern analisa como a sua gravidez e maternidade tornaram ainda mais aparente o quão atravessada pelo gênero é a cidade, pois as mudanças em seu corpo afetaram o modo como ela se movia e como era percebido pelos outros.

Problematiza-se a figura do *flâneur* (Baudelaire, 1863; Benjamin, 1999; Simmel, 1950 *apud* Kern), não poderia ser diferente da perspectiva masculina e sem deficiência a partir da qual é usualmente pensado (Wolff, 1985; Woolf, 1930; Munt, 2000; Elkin, 2016; Gladdys, 2011 *apud* Kern): Ela mesma tentou reivindicar o espírito *flâneuse* depois que sua filha nasceu, porém não se sentia mais confortável em lugares no momento em que a sua presença se tornava muito barulhenta ou surgia a necessidade de amamentar ou de trocar fraldas.

Kern aponta a crítica feminista que há em relação aos subúrbios (Friedan, 1963 *apud* Kern): longe de serem uma consequência orgânica do crescimento das grandes cidades e uma demanda natural por casas familiares maiores, eram um componente essencial no plano de desenvolvimento econômico pós segunda guerra mundial e, também, de uma agenda social racista e sexista (Hayden, 2002; Ta-Nehisi Coates, 2014 *apud* Kern).

Apesar do boom dos subúrbios ter coincidido com o período no qual milhões de afro-americanos saíram do sul rural em busca de melhores oportunidades em cidades industriais do norte, eram destinados majoritariamente para brancos, segregando comunidades negras a outras porções das cidades, mais decadentes, fortemente policiadas e com piores condições de financiamento, impactando em padrões atuais de segregação racial e disparidades de acúmulo de propriedades.

Quanto ao gênero, com grandes casas isoladas, os subúrbios pressupunham uma família nuclear heterossexual, composta por um provedor trabalhando fora e por uma dona de casa desempenhando as tarefas domésticas em todos os turnos. Porém, essa não é realidade da maioria e a infraestrutura criada a partir dessa premissa impõe uma série de entraves, por exemplo, a mulheres que trabalham fora e que continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas (MacGregor, 1995; Jacobs, 1961 *apud* Kern).

Por mais que as cidades tragam algumas vantagens, também favorecem e naturalizam certos papéis de gênero. O sistema de transporte público urbano, por exemplo, não se adequa ao trajeto das mulheres que têm que levar seus filhos à creche ou à escola antes e depois do trabalho, dentre outras paradas feitas muitas vezes com suas crianças no colo ou no carrinho e carregando volumes (Wekerle, 2005 *apud* Kern).

A geógrafa aborda a gentrificação e suas consequências negativas. Se para alguns ela seria causada pelas mulheres e as beneficiaria (Curran, 2018 *apud* Kern), para Kern, ela não promove igualdade entre elas, seus serviços são orientados pelo mercado, individualizados, privatizados, e servem melhor às necessidades construídas como masculinas. Em Milwaukee, por exemplo, mulheres afro-americanas de baixa renda sentem no corpo os efeitos da gentrificação e de poucos serviços sociais urbanos: exaustão, doenças e dores crônicas do tempo e energia gastos por elas até clínicas de saúde, escolas e assistência social, dentre outros serviços não fornecidos nas redondezas de suas residências, ou até ao trabalho também distantes devido à divisão racial da cidade (Parker, 2017 *apud* Kern).

O pouco suporte em políticas públicas urbanas e infraestrutura, em muitos casos, forçou mulheres de baixa renda a encontrarem caminhos para combinar rotinas de cuidado com as de trabalho remunerado, estratégias de sobrevivência analisadas pelo feminismo negro. Ressalta a importância política de espaços domésticos criados por mulheres negras em Newark, nos quais elas podem, em uma sociedade hostil e *racializada*, compartilhar afeto, afirmar sua história, cultura. Políticas urbanas de cuidado não devem estar restritas apenas a lugares, mas devem envolver um trabalho ativo e coletivo em direção a uma transformação física, simbólica e relacional (Isoke, 2013 *apud* Kern).

A construção de cidades nas quais as políticas públicas e os espaços de cuidado sejam prioridade, sejam mais coletivos, equânimes e menos extenuantes; que acomode todos os corpos; e que ferramentas criativas desenvolvidas pelas mulheres para se apoiarem, podem nos informar alternativas para construção do tecido urbano para Kern. A preocupação em pensar em cidades não sexistas não é recente, porém, ela alerta que, em muitos casos, esse comprometimento acaba se resumindo a questões *mainstreaming*, que podem, ao invés de provocar mudanças sociais, reforçar normas e papéis de gênero já existentes -como a titularidade do dever de cuidado- e negligenciar as necessidades de mulheres que enfrentam intersecções de opressões nas cidades (Zaragovia, 2009 *apud* Kern).

No segundo capítulo, argumenta que, se a cidade é a materialização do patriarcado em vidro e pedra, as amizades femininas podem transformá-la em um espaço de possibilidades (Wunker, 2016 *apud* Kern), tendo as suas amigas a possibilitado ocupar espaços que sozinha não teria coragem de ocupar e, por sua vez, a cidade em si propiciou e fortaleceu essas amizades.

Representações culturais reiteradamente colocam as amizades femininas em segundo plano, as *invisibilizando* (Gay, 2014; Wunker, 2016 *apud* Kern). Em muitos filmes populares dos anos 80 e 90, as cenas de interação entre meninas são retratadas em espaços privados como quartos (Bain, 2003 *apud* Kern), ou semi-privados, como banheiros escolares, e não em espaços públicos urbanos, e são centrados em personagens brancas, de modo a *invisibilizar* possibilidade de diversidade racial no espaço privado das casas ou dos subúrbios. Há, porém, exceções (Bain, 2003 *apud* Kern) e Kern passeia por diversas obras (Ferrante, 2011; Girls Town, 1996 *apud* Kern) que priorizam a amizade feminina- relações de amor que muitas vezes duram a vida inteira- como ato de insurgência contra heteronormatividade, capitalismo, trabalho reprodutivo, domesticidade, etarismo e que também nos ajudam a refletir sobre a dimensão espacial dessas amizades.

Apesar de pouco ouvidas ou diretamente contempladas no planejamento urbano, meninas muitas vezes conseguem usar espaços urbanos de forma criativa, arquitetando, por exemplo, estratégias para fugir da vigilância dos adultos e explorar a cidade com suas amigas, espaços encarados como privados por muitas delas pois lhes garantiriam algum anonimato (Valentine, 1996 *apud* Kern).

Ressalta a importância da amizade para mulheres lésbicas e *queer*, *trans* e pessoas não binárias na criação de espaços mais inclusivos e explica que as formas de territorialidade lésbica foram relativamente *invisibilizadas* pois se constituem mais a partir de redes

sociais do que, lugares comerciais e que, mesmo lugares reconhecidamente lésbicos, estão deixando de existir, sobretudo, devido a gentrificação (Podmore, 2006; Wei, 2018 apud Kern).

Kern é descrente que o planejamento urbano possa dar os espaços que as amigas precisam. Além de comumente valorizar a construção de infraestruturas duras em detrimento de questões como gênero, sexualidade e infraestrutura do cuidado, a autora reconhece que o mercado imobiliário acaba ditando quais espaços vão ser construídos ou não, quais negócios sobrevivem e quais serviços serão providos.

Apesar dos desafios, ela tenta imaginar cidades também pautadas em outros modos de estar em relação, como em relação com a terra e com não humanos, que, juntamente com as amigas femininas e com a não monogamia, podem fissurar estruturas de poder patriarcais e coloniais (Wunker, 2016; Tallbear, 1993 apud Kern).

O terceiro capítulo expõe que, para alguns grupos, telefones e fones de ouvido não são apenas uma forma de entretenimento, mas uma barreira social para as regulares e quase sempre indesejadas abordagens masculinas que recebem quando sozinhas nos espaços urbanos - ainda que eles não impeçam o assédio e outras formas de violência.

Para Kern, as interações urbanas para as mulheres carregam a bagagem da cultura do estupro e também anos de normas de socialização de gênero contraditórias entre si, como ter cuidado e ser gentil com desconhecidos. Ser uma *flâneuse* é assustador, um luxo nunca apreciado por muito tempo, pois as mulheres têm que estar em guarda, procurando antever se a próxima abordagem será benigna ou ameaçadora, calculando como proteger seu espaço pessoal e modulando seu comportamento. E quando não se está acompanhada, recorrentemente se é interrompida, ainda mais quando não se performa os padrões de feminilidade esperados.

Pessoas negras e indígenas enfrentam tantas agressões em público que são levadas a se sentirem como invasoras ou criminosas em suas próprias cidades, correndo constantemente o risco de serem assediadas, presas ou violentamente mortas, estando a todo tempo atentas e medindo suas ações (BBC News, 2018; Cole, 2015 apud Kern), sendo o *flâneur* negro uma impossibilidade sob o controle da supremacia branca, defende a autora. Pessoas com deficiência também têm seus limites pessoais constantemente invadidos quando estranhos ajudam sem antes obter consentimento (Peters, 2019 apud Kern).

A *feminilização* do espaço urbano, que prossegue com a suavização de atributos masculinos para atrair as consumidoras mulheres desde o final do século XIX (Zola, 1995; Bondi e Domosh, 1998 apud Kern), tem sido relacionada à gentrificação, observando-se, por exemplo, a substituição de bares de esportes por novos espaços sem associação de gênero (Latham, 2008; Kern, sem data apud Kern). No bairro onde Kern morava um dos primeiros sinais da feminização foi o surgimento de um *coffee shop* com pequeno *playground* infantil, um tipo de estabelecimento que os sociólogos chamam de terceiro espaço (Oldenburg, 1989 apud Kern), por serem como uma casa quase pública, nos quais mulheres, mesmo sozinhas, podem se sentir bem-vindas, confortáveis e relativamente seguras. Essas transformações, entretanto, são destinadas a mulheres brancas, cis, sem deficiência, de classe média (Lowe, 2018 apud Kern).

Os banheiros públicos e desafios relacionadas à insegurança, inacessibilidade, gênero – como a divisão binária em banheiros masculinos e femininos e os riscos que expõe a pessoas não binárias, -, classe, raça, lutas, dentre outras, que apesar de envolverem respostas que não são únicas, precisam ser enfrentadas para caminharmos rumo a uma cidade feminista (Lowe, 2018; Murthy, 2014; Kayiatos, 2016 *apud* Kern).

O quarto capítulo coloca a cidade tanto como o lugar onde ocorrem os protestos, quanto uma das razões pelas quais neles se luta, e revisita suas experiências enquanto ativista (Lorde, 1984; Lefebvre, 1996; Wekerle, 2000 *apud* Kern). Se, para Kern, os protestos são um modo coletivo energizante de relação com a cidade, no qual se toma as ruas de braços dados com estranhos, se constrói pertencimento, se expressa raiva pelas desigualdades, tendo um fundamental papel na conquista de direitos – dificilmente dados, geralmente tomados por grupos vulnerabilizados –, eles também devem ser problematizados, pois podem reproduzir sistemas de privilégio e opressões. A exclusão promovida pelos *pussyhats* nas marchas anti-Trump e a exclusão sistêmica de pessoas com deficiência de muitos protestos, são alguns exemplos trazidos para indicar que, em termos de interseccionalidade, há muito a ser melhorado (Ustundag e Tanyildiz, 2017; Martin e Walia, 2019 *apud* Kern).

No último capítulo, ela reflete sobre como as relações de gênero se moldam no chão, geograficamente. Como os homens, apontados como a principal causa de seus temores por mulheres participantes de diversas pesquisas, não podem ser totalmente evitados, as mulheres mapeiam espaços nos quais possam estar “homens perigosos” e passam a evitá-los (Valentine, 1989 *apud* Kern); e quem pode ser considerado um homem perigoso pra mulheres brancas não é necessariamente o mesmo que é assim considerado por mulheres negras, e, conseqüentemente, o lugar onde eles se encontram não é necessariamente o mesmo, mas, em ambos os casos, elas constroem mapas pessoais de segurança e medo (Madriz, sem data *apud* Kern). São mapas dinâmicos, informados por experiências pessoais, mídia, rumores, mitos urbanos e pelo senso comum definido culturalmente, (Pain, 2001 *apud* Kern) mas raramente incluem como local de perigo casas e outros lugares privados, ambientes nos quais as mulheres enfrentam mais violência, sempre externalizando a violência. E problematiza que mulheres são implicitamente culpabilizadas pelos assédios que sofrem, sobretudo se negras, indígenas ou marginalizadas (Gilchrist, 2010; Jiwani e Young, 2006; Meyers, 1997 *apud* Kern). E raramente se discute o custo do medo: o fato de mulheres muitas vezes evitarem treinamentos ou trabalhos noturnos que possibilitariam maiores pagamentos devido aos riscos envolvidos, ou ainda meios de locomoção mais baratos, como caminhadas e bicicletas, devido ao assédio, mesmo para curtas distâncias, e a exaustão e malefícios advindos da preocupação e modulação de comportamento rotineiras (Shadwell, 2017 *apud* Kern).

As feministas não ficaram inertes diante do reconhecimento da violência e dos efeitos sociais do medo enfrentado pelas mulheres (Whitzman, sem data; Stanko, 1993 *apud* Kern), lutando e conquistando progressos, ainda que incompletos, em direção a uma cidade mais segura: ruas mais claras, menos obstruídas, implantação de telefones e botões para emergências, dentre outros (Raco, 2003; Fleming, 2018; Werkele, 1992 *apud* Kern). Apesar do medo, das dificuldades, dos cerceamentos, as mulheres têm agência, por vezes construindo meios para fazer o que precisa ser feito (Kostela, 1997; Whitzman, 2007 *apud* Kern).

Pensar com Leslie Kern sobre problematizações relacionadas a gênero em contextos urbanos é pensar em uma vasta gama de questões relevantes, nem todas abordadas ou não com profundidade neste texto. Apesar do livro se voltar para realidades diferentes das brasileiras, não deixa de compilar contribuições importantes capazes de dialogar com referências nacionais e da América Latina e, assim, também nos ajudar a pensar localmente.

Falar a partir da experiência e do corpo é um modo de produzir conhecimento válido e, no caso de Kern, faz com que as referências acadêmicas sejam entremeadas de outras, como séries televisivas, filmes, “causos” e ironias, em uma linguagem acessível, sendo uma excelente leitura para pensar o feminismo a partir de suas dimensões também geográficas.

E, como Kern acredita que, para fazer as coisas diferentes não é necessário inventar grandes visões ou utopias universalizantes, e que, inclusive, muitas práticas válidas já existem, tanto na teoria, como na prática, lê-la faz com fiquemos com esperanças mais palpáveis de que é possível seguirmos rumo a cidades menos opressoras e mais feministas.

### Referência bibliográfica

KERN, Leslie. Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. 1ª Ed. Tradução de Thereza Roque de Motta. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. 255 p.

Recebido [Jun. 16, 2022]

Aprovado [Ago. 22, 2023]